

GÊNEROS DA ESFERA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA E A FORMAÇÃO DE LEITORES

GÉNEROS DE LA ESFERA DE DIVULGACIÓN CIENTÍFICA EN LIBROS DIDÁCTICOS DE LENGUA PORTUGUESA Y LA FORMACIÓN DE LECTORES

GARCIA, Jéssica Máximo¹

RESUMO

Este artigo objetiva evidenciar como os textos de divulgação científica são trabalhados em Livros Didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, mais especificamente na obra *Português uma língua brasileira* do 9º ano, aprovado pelo PNLD-2014. Seu principal objetivo é verificar como as abordagens pedagógicas voltadas para o trabalho com a leitura de textos de divulgação científica podem proporcionar o desenvolvimento de competências e habilidades relativas às práticas de leitura. Para alcançar o que propomos, baseamo-nos nas prescrições do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD, 2014) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998). Pautamos nossos estudos em Bunzen (2005 e 2009) no que diz respeito ao Livro Didático, Rojo (2012 e 2013) sobre as Múltiplas Linguagens na escola e Ferrarezi e Carvalho (2017) no que diz respeito ao ensino de leitura na educação básica. Os resultados trazem benefícios para reflexão sobre as relações entre o processo de escolarização dos gêneros realizado pelos livros didáticos e sobre os limites e possibilidades do material didático para o ensino-aprendizagem de leitura em sala de aula, com vistas a formação de alunos leitores críticos e reflexivos.

Palavras-chave: Língua portuguesa. Multimodalidade. Leitura.

RESUMEN

Esta investigación objetiva evidenciar cómo los textos de divulgación científica son trabajados en Libros Didáticos de Lengua Portuguesa de la Enseñanza Fundamental II, más específicamente en la obra *Português uma língua brasileira* del 9º año, aprobado por el PNLD-2014. Su principal objetivo es verificar cómo los enfoques pedagógicos orientados al trabajo con la lectura de textos de divulgación científica pueden proporcionar el desarrollo de competencias y habilidades relativas a las prácticas de lectura. Para alcanzar lo que proponemos, nos basamos en las prescripciones del Programa Nacional del Libro Didático (PNLD, 2014) y en los Parámetros Curriculares Nacionales (PCN, 1998). Pautamos nuestros estudios en Bunzen (2005 y 2009) en lo que se refiere al Libro Didático, Rojo (ROJO, 2012 y 2013) sobre las Múltiples Lenguajes en la escuela y Ferrarezi e Carvalho (2017) en lo que se refiere a la enseñanza de lectura en la escuela básica. Los resultados traen beneficios para reflexionar sobre las relaciones entre el proceso de escolarización de los géneros realizado por los libros didáticos y sobre los límites y posibilidades del material didático para la enseñanza-aprendizaje de lectura en el aula, con vistas a la formación de alumnos lectores críticos y reflexivos.

Palabras clave: Lengua portuguesa. Multimodalidad. Lectura.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A formação de alunos leitores críticos e reflexivos é fundamental para uma atuação significativa em sociedade. Desse modo, não podemos reduzir o ensino de leitura apenas em práticas de decodificação de palavras. Para Kleiman (2001, p. 152), ensinar a ler é

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, São Paulo. Endereço eletrônico: jessicamaximo@gmail.com.

Criar uma atitude de expectativa prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, isto é, mostrar ao aluno que quanto mais ele prever o conteúdo, maior será a sua compreensão, é ensinar ao aluno a se auto avaliar constantemente durante o processo para detectar quando perdeu o fio; é ensinar a utilização de múltiplas fontes de conhecimento – linguísticas, discursivas, enciclopédicas – para resolver falhas momentâneas no processo; é ensinar antes de tudo, que o texto é significativo [...]. Isso implica ensinar não apenas um conjunto de estratégias, mas criar uma atitude que faz da leitura a procura da coerência.

A escola é um dos espaços capaz de promover essa formação leitora, dentro dela circulam os livros didáticos, muitas vezes o único material de leitura em escolas e regiões que possuem um grau de carência acentuado. Assim, a tríade: professor, livro didático e aluno, são fundamentais no desenvolvimento de atividades em contextos significativos.

Sobre o leitor, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), destacam que “O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos” (BRASIL, 1998, p. 70).

Dessa maneira, ler não é apenas decodificar, assim torna-se necessário o ensino de diversas estratégias para a compreensão de textos, que variam conforme o nível de competências de cada um. Por isso, justifica-se a relevância de proporcionar aos alunos vivências de leitura presentes nas esferas sociais, as quais terão contato foras do muro da escola.

Esse uso social da leitura e da escrita são as práticas de letramento, que estão em constante ressignificação conforme as mudanças sociais. Assim, esse texto tem como objetivo analisar a proposta de leitura de um texto da esfera de divulgação científica que aparece no volume do 9º ano do livro didático *Português uma língua brasileira*, a fim de verificar se a atividades de possui um objetivo e propósito ou se está reduzida a atividades mecanicistas. Vale destacar que se trata de uma única análise porque o livro apresenta apenas uma proposta de trabalho com gênero dessa esfera.

2 LETRAMENTOS E MULTILETRAMENTOS NA ESCOLA

Interagimos pelas mais diversas formas de linguagem, essa multiplicidade apresenta-se nos mais variados gêneros do discurso que, na escola, são capazes de aproximar os alunos das práticas sociais que estão diariamente em vasta circulação. Romanowski, Martins e Junqueira (2004, p. 24) afirmam que: “Se os alunos fazem pontes entre o que aprendem intelectualmente e as situações reais, experimentais, profissionais ligadas aos seus estudos, a aprendizagem será mais significativa, viva, enriquecedora.

Sendo assim, é importante que a escola envolva, além da cultura valorizada pela sociedade, a cultura local do aluno. Desse modo, os letramentos são essas práticas sociais e culturais da leitura e da escrita, que estamos constantemente em contato fora da escola, ao usar um caixa eletrônico, ao usar o telefone, ao orientar-se por placas, etc.

Com as transformações e avanços da sociedade, o termo resinificou-se para os multiletramentos, que exercem papel fundamental na sala de aula, uma vez que abarcam a multiplicidade de linguagens e de culturas, através de textos, imagens, vídeos, sons, entre outros.

Sobre a multiplicidade de cultura, Rojo (2012) destaca que os textos em circulação são compostos de diferentes letramentos, sejam eles vernaculares ou dominantes, bem como a

caracterização de um campo popular/de massa/erudito. No que diz respeito a multiplicidade de linguagens, a autora salienta que são os textos compostos por muitas linguagens e que “exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas para fazer significar”. (ROJO, 2012, p.19).

O papel da escola é formar alunos capazes de criar sentidos e serem críticos, desenvolvendo habilidades para (res)significar os discursos e, conseqüentemente, tornar-se cidadão ativo. Nesse sentido, é importante os estudos que demonstram a necessidade de os livros didáticos de língua portuguesa explorarem os multiletramentos, bem como o caráter multimodal dos textos e de suas híbridas significações, assim como os objetivos do processo de ensino-aprendizagem.

3 LIVRO DIDÁTICO, LEITURA E OS GÊNEROS DA ESFERA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Nesta seção existem três particularidades que serão tratadas: a primeira é a posição que assumimos do Livro Didático como gênero discursivo; a segunda é compreender as práticas de leitura e suas contribuições para a formação de sujeitos críticos e autônomos; a terceira tratamos algumas considerações sobre os gêneros da esfera de divulgação científica.

Assumimos que o livro didático de língua portuguesa (LDP) é um gênero do discurso, assim como pesquisas anteriores de Bunzen (2005) e Bunzen e Rojo (2005). Justificamos tal concepção, pois o livro didático está situado sócio, histórica e culturalmente em esferas de produção (editoras) e circulação (escolas); além disso, os autores e editores selecionam, didatizam e organizam os objetos de ensino, considerando o seu conteúdo temático, seu aspecto composicional e estilo verbal, como indica a teoria de gênero do discurso de Bakhtin (2003).

Dolz e Schneuwly (2004, p. 76) acreditam que, no contexto escolar, “o gênero não é mais instrumento de comunicação somente, mas é, ao mesmo tempo, objeto de ensino-aprendizagem”. Em outras palavras, além de servir para comunicação, também auxiliam nas atividades de leitura e de produção textual que desenvolvam habilidades e competências discursivas.

Sendo assim, compreendemos que “toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva”. (BRASIL, 1998, p. 23). Dessa forma, o processo de ensino-aprendizagem não se fundamenta apenas em falar uma língua, mas em compreender práticas sociais de linguagem em que os gêneros exercem uma função essencial. Isto é, não se ensina um gênero, mas sim a percepção do seu exercício em sociedade, bem como as relações culturais instituídas em determinados contextos.

Desse modo, a competência discursiva dos alunos se dá em maior ou menor grau, conforme o tratamento dos objetos de ensino em sala de aula, em relação às práticas de leitura, escrita e oralidade. Assim, cabe a escola, professores e livros didáticos promover as práticas sociais, que ocorrem a partir dos mais diversos gêneros em circulação na sociedade.

No que diz respeito, especificamente, à leitura, Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017) salientam:

Ler não é ser capaz de decifrar as letrinhas de um alfabeto qualquer; é, principalmente, ser capaz de compreender o que um texto traz, interagir com ele de forma inteligente, retirar dele o que interessa para nossa vida cotidiana, ser capaz de interferir criticamente nele e na realidade a partir dele, enfim, fazer uso pleno do texto como parte da vida social de uma sociedade letrada (FERRAREZI JR. & CARVALHO, 2017, p. 23).

Isso significa que ler o sentido e decifrar as letras são duas atividades distintas, por isso, a importância em familiarizar os alunos a praticarem leituras dos mais variados gêneros, produzidos em diferentes esferas, como a jornalística, publicitária, literária, científica, etc, bem como a reflexão sobre a finalidade, o lugar e contexto de circulação.

Portanto, os gêneros discursivos são capazes de cumprir um papel essencial para o desenvolvimento de práticas de leitura dos alunos, pois desenvolvem no aluno a percepção das possíveis construções de sentidos. “O sentido não está no texto; ele é construído pelo leitor, que vai estabelecendo relações entre a informação textual (presente no texto que se lê), o seu conhecimento de mundo e as outras leituras já realizadas. (FERRAREZI JR. & CARVALHO, 2017, p. 89)

O contato dos alunos com os textos que circulam fora da escola torna a experiência de leitura mais significativa, assim, quando a escola, o professor e o material didático proporcionam o contato com esses diferentes gêneros discursivos oportunizam a formação discursiva e crítica.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), o uso da linguagem é demarcado de acordo as necessidades sociais. Desse modo, “a necessidade de atender a essa demanda, obriga à constituição de práticas que possibilitem ao aluno ampliar sua competência discursiva na interlocução”. (BRASIL, 1998, p. 23). O livro didático, por exemplo, contribui nesse processo, apresentando uma variedade de gêneros que remete à escuta, leitura e produção de textos, elaborados em diferentes formas, possibilitando o desenvolvimento de diversas capacidades nos alunos. Segundo o documento oficial:

O tratamento didático, portanto, precisa orientar-se de maneira heterogênea: a leitura de um artigo de divulgação científica, pressupõe, para muitos leitores, em função de sua finalidade, a realização de anotações à margem, a elaboração de esquemas e de sínteses, práticas ausentes, de modo geral, na leitura de uma notícia ou de um conto. (BRASIL, 1998, p. 26)

O uso dos textos de divulgação científica apresentados nos Livros Didáticos com propostas para leitura e interpretação de uma diversidade de temas que circulam na sociedade e que apresentam, em maior parte, leitura de textos que apresentam imagens, gráficos, infográficos, por exemplo, capazes de desenvolver habilidades necessárias para a participação efetiva tanto no processo de ensino-aprendizagem, quanto para as vivências de mundo dos alunos. Assim como Rojo (2008, p. 592) consideramos

[...] a divulgação científica – nascida com o Enciclopedismo – continua sendo produzida por cientistas para divulgar conhecimento entre os leigos da forma mais abrangente possível. Logo, podemos dizer que a esfera de produção dos gêneros artigo/reportagem/notícia/nota de divulgação científica é a esfera científica – as mais conhecidas revistas desse gênero possuem artigos escritos por cientistas e/ou são idealizadas por órgãos de fomento à pesquisa no país – e sua esfera de circulação é a jornalística – os veículos de divulgação se propõem a alcançar cada vez mais pessoas e, por isso, as revistas de divulgação são vendidas em bancas e também disponibilizadas on line. [...] Em muitos casos, os artigos podem estar assinados por cientistas, mas também podem ser elaborados por jornalistas especializados em divulgação científica e aparecerem assinados ou não.

Em textos de divulgação científica, além do texto verbal, estão presentes imagens, gráficos, infográficos, mapas etc., permitindo ao aluno o contato com as múltiplas linguagens que compõem um texto.

4 LIVRO *PORTUGUÊS UMA LÍNGUA BRASILEIRA*: BREVE REFLEXÕES

A coleção *Português uma língua brasileira*, das autoras Lígia Menna, Regina Figueiredo e Maria das Graças Vieira (2013) é destinada aos alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Essa coletânea apresenta-se pela primeira vez no PNLD de 2014 entre as 12 coleções selecionadas pelo edital. Dentre as coleções mais distribuídas, essa se encontra na 10ª posição com 246.887 exemplares².

Os livros possuem divisão por unidades e capítulos que estão estruturados em onze principais seções: leitura; linguagem e recursos expressivos; outra leitura; produção oral; produção escrita; para refletir sobre a língua; para saber mais; trocando ideias, veja como se escreve; veja o que você aprendeu e o que você aprendeu. Abaixo, especificamos as seções destinadas ao trabalho com práticas de leitura.

- *Leitura*: Essa seção é destinada a leituras de um texto do gênero ou do tipo textual estudado no capítulo, pode ser um conto, crônica, tira, entrevista etc.
- *Linguagem e recursos expressivos*: Essa seção tem o objetivo de incentivar a reflexão sobre a linguagem utilizada no texto, a forma como foi organizado e os recursos de que o autor utilizou em sua construção.
- *Outra leitura*: Seção que apresenta textos verbais ou não verbais para ampliar os conhecimentos trabalhados sobre o gênero ou tipo textual abordado no capítulo, através de comparação com outros gêneros e pela constatação das diversas possibilidades de cada um deles.

Essas seções servem para organizar o trabalho com os objetos de ensino ao longo das unidades/capítulos dos LD, a fim de orientar o leitor com mais facilidade.

No volume do 9º ano encontramos um artigo de divulgação científica, publicado no Jornal Folha de S.Paulo. O texto encontra-se no capítulo 4, intitulado *Texto de divulgação científica*.

O LD destaca que nesse capítulo os alunos vão aprender características do gênero texto de divulgação científica, gênero reportagem em temas científicos; e uso de infográficos em reportagens. Além disso, algumas propostas para trabalhar verbos e expressões utilizados no discurso direto e indireto e orações subordinadas adverbiais (figura 1).

O artigo de divulgação científica, intitulado “águas-vivas podem ser novas “donas” do mar, diz estudo”, encontra-se na seção *Leitura*, autoria de Giuliana Miranda e publicado na Folha de S.Paulo, caderno Ciência, em setembro de 2011 (figura 2).

Antes da leitura, o LD explica que se trata de um texto de divulgação científica que pretende explicar o que é uma água-viva e o motivo dela levar esse nome, bem como outras questões sobre o assunto.

O artigo de divulgação científica apresentado traz alguns infográficos de águas-vivas, explicando que elas estão dominando áreas onde a pesca predatória eliminou os peixes comedores de plâncton, como sardinha e anchovas. O infográfico é uma das características que o gênero midiático de divulgação científica apresenta. Segundo Rojo

[...] possivelmente devido à exigência da avaliação do PNLD de que a reprodução dos textos respeite sua forma de composição em seu suporte de origem, aparecem textos híbridos e multissemióticos, como gráficos, tabelas, mapas e infográficos, que podem estar ou não integrando ou intercalando-se em outros

² Os dados estatísticos estão no site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/dados-estatisticos>

gêneros, como artigos e reportagens. Mas seu percentual é mínimo: 2% de mapas e gráficos e 1% de tabelas e infográficos. Estas escolhas para a coletânea já prenunciam uma pequena preocupação com os letramentos multissemióticos, tão importantes na esfera de divulgação da ciência. (ROJO, 2008, p. 599)

Figura 1: Abertura do capítulo *Texto de divulgação científica*

CAPÍTULO [4] **TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

Veja a Assessoria Pedagógica.

Primeiro bullet: Cena do filme *Procurando Nemo*, quando as personagens Nemo e Dory se encontram com uma criatura da zona abissal, o ecossistema mais profundo dos oceanos. Comente com os alunos que um encontro como esse, entre peixes de regiões tão distantes, só é possível na ficção.

O QUE VOCÊ VAI APRENDER NESTE CAPÍTULO

- Principais características do gênero texto de divulgação científica.
- O gênero reportagem em temas científicos.
- Verbos e expressões utilizados no discurso direto e indireto.
- O uso de infográficos em reportagens.
- Orações subordinadas adverbiais.
- O uso da vírgula nas orações subordinadas adverbiais.

1.01 OLHE E VEJA

Antes de começar o capítulo, sugerimos uma conversa sobre assuntos da área científica que despertam a curiosidade dos alunos. Incentive-os a formular questões sobre Astronomia, Física, Biologia etc. para as quais não têm respostas, mas que gostariam de investigar.

- Você reconhece a cena apresentada na foto? O que está acontecendo?
- Que sentimentos essa cena desperta em você? Por quê?
Respostas pessoais.
- Você acha que essa criatura encontrada por Nemo e Dory é uma personagem totalmente inventada ou foi criada com base em dados reais?
Resposta pessoal. A personagem foi criada com base em dados reais. Veja a Assessoria Pedagógica.
- A pesquisa científica está presente em vários setores da vida. Você acha que ela é importante? Explique.
Resposta pessoal.
- Você costuma ler revistas, *sites* ou cadernos do jornal que publicam informações científicas? Quais?
Respostas pessoais.

Cena do filme *Procurando Nemo*, com direção de Andrew Stanton e Lee Unkrich, Estados Unidos, 2003.

Fonte: (VIEIRA, 2012, p. 102)

Após a leitura do texto de divulgação científica, do volume do 9º ano, da coleção Português uma língua brasileira, os alunos precisam responder 11 questões que o LD denomina como “Estudo do texto” (figura 3). São questões gerais que percorrem em torno da construção do texto e

do gênero, bem como sua circulação, ou seja, relacionadas ao título, ao público-alvo, local de publicação, infográfico e contextos gerais abordados no texto.

Figura 2: Seção *Leitura* do capítulo 4

LEITURA

Você sabe o que é uma água-viva e por que ela tem esse nome? A seguir você vai ler um texto de divulgação científica que irá esclarecer essas e outras questões sobre o assunto.

Águas-vivas podem ser novas “donas” do mar, diz estudo

Invertebrados estão substituindo peixes muito pescados em várias regiões do mundo, mudando cadeia alimentar

Elas são lerdas, gelatinosas, desengonçadas e usam um sistema de caça considerado primitivo. Ainda assim, as águas-vivas estão conseguindo substituir sardinhas, anchovas e outros peixes no domínio dos mares.

A mudança acontece principalmente nas regiões onde a pesca predatória dizimou as espécies dominantes.

Muitos cientistas apostavam que a supremacia desses gigantes gelatinosos seria apenas temporária.

Afinal, criaturas lentas, normalmente cegas e com uma estratégia de caça que exige contato direto com a presa não conseguiriam competir com peixes rápidos e de boa visão, certo?

Um grupo de pesquisadores acaba de mostrar que não é bem assim. Surpreendentemente, os invertebrados são excelentes predadores.

Em uma compilação de vários trabalhos, os cientistas — liderados por José Luiz Acuña, da Universidade de Oviedo, na Espanha — compararam dados como velocidade, padrão de deslocamento e potencial

EFICIÊNCIA ENERGÉTICA E BOA CAPACIDADE DE CAÇA ESTÃO TRANSFORMANDO OS ANIMAIS EM PREDADORES DOMINANTES NO OCEANO

de caça das águas-vivas e de certos peixes comedores de plâncton (organismos minúsculos, como algas e larvas de animais, que boiam no mar).

Eles perceberam que, descontando as diferenças da composição química entre os bichos, águas-vivas e peixes como sardinhas têm taxas de crescimento e reprodução que são muito semelhantes.

“A habilidade competitiva de um predador depende não apenas da captura de presas e das taxas de ingestão, mas também de quão eficiente a energia obtida se traduz no crescimento do corpo e aumento da população”, diz o estudo publicado na revista especializada “Science”.

Embora o corpão da água-viva desfavoreça seu deslocamento, ele aumenta as chances de contato com as presas, garantindo mais comida.

A estratégia de flutuar, em vez de perseguir vigorosamente a caça, também não é má ideia. Desse jeito, elas economizam muita energia. E vão, lentamente, transformando os oceanos.

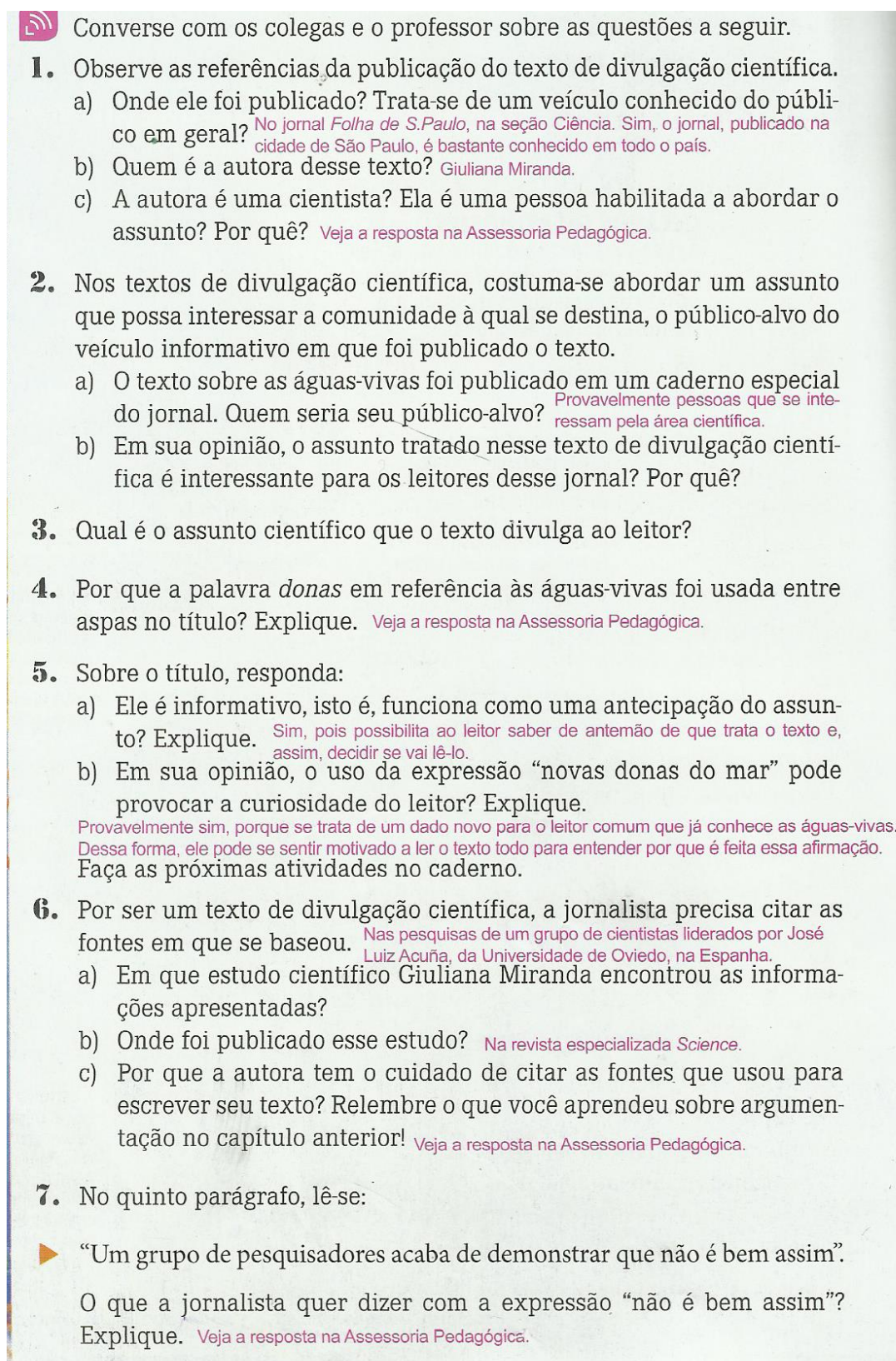
(MIRANDA, Giuliana. *Folha de S.Paulo*, Ciência, 17 set. 2011.)


Fonte: (VIEIRA, 2012, p. 104)

Dentre essas questões o aluno também é incentivado a discutir sobre os animais marinhos, a partir de outros textos ou documentários que tiveram contato durante suas vivências.

Portanto, a partir dessa atividade, o LD realiza um trabalho que envolve usos de leitura e escrita que permeiam a sociedade interna ou externa à escola, sejam elas valorizadas ou não, conforme aponta Rojo (2009).

Figura 3: Seção *Estudo do texto*, do capítulo 4



 Converse com os colegas e o professor sobre as questões a seguir.

1. Observe as referências da publicação do texto de divulgação científica.
 - a) Onde ele foi publicado? Trata-se de um veículo conhecido do público em geral? *No jornal Folha de S.Paulo, na seção Ciência. Sim, o jornal, publicado na cidade de São Paulo, é bastante conhecido em todo o país.*
 - b) Quem é a autora desse texto? *Giuliana Miranda.*
 - c) A autora é uma cientista? Ela é uma pessoa habilitada a abordar o assunto? Por quê? *Veja a resposta na Assessoria Pedagógica.*
2. Nos textos de divulgação científica, costuma-se abordar um assunto que possa interessar a comunidade à qual se destina, o público-alvo do veículo informativo em que foi publicado o texto.
 - a) O texto sobre as águas-vivas foi publicado em um caderno especial do jornal. Quem seria seu público-alvo? *Provavelmente pessoas que se interessam pela área científica.*
 - b) Em sua opinião, o assunto tratado nesse texto de divulgação científica é interessante para os leitores desse jornal? Por quê?
3. Qual é o assunto científico que o texto divulga ao leitor?
4. Por que a palavra *donas* em referência às águas-vivas foi usada entre aspas no título? Explique. *Veja a resposta na Assessoria Pedagógica.*
5. Sobre o título, responda:
 - a) Ele é informativo, isto é, funciona como uma antecipação do assunto? Explique. *Sim, pois possibilita ao leitor saber de antemão de que trata o texto e, assim, decidir se vai lê-lo.*
 - b) Em sua opinião, o uso da expressão “novas donas do mar” pode provocar a curiosidade do leitor? Explique. *Provavelmente sim, porque se trata de um dado novo para o leitor comum que já conhece as águas-vivas. Dessa forma, ele pode se sentir motivado a ler o texto todo para entender por que é feita essa afirmação. Faça as próximas atividades no caderno.*
6. Por ser um texto de divulgação científica, a jornalista precisa citar as fontes em que se baseou. *Nas pesquisas de um grupo de cientistas liderados por José Luiz Acuña, da Universidade de Oviedo, na Espanha.*
 - a) Em que estudo científico Giuliana Miranda encontrou as informações apresentadas?
 - b) Onde foi publicado esse estudo? *Na revista especializada Science.*
 - c) Por que a autora tem o cuidado de citar as fontes que usou para escrever seu texto? Relembre o que você aprendeu sobre argumentação no capítulo anterior! *Veja a resposta na Assessoria Pedagógica.*
7. No quinto parágrafo, lê-se:
 - ▶ “Um grupo de pesquisadores acaba de demonstrar que não é bem assim”. O que a jornalista quer dizer com a expressão “não é bem assim”? Explique. *Veja a resposta na Assessoria Pedagógica.*

Apesar das atividades de escrita não serem o foco de nossa pesquisa, a escrita é sugerida a partir das leituras expostas no capítulo. Além disso, a atividade, por exemplo, não tem um fim apenas avaliativo, de cumprir uma tarefa exigida pelo LD, pois a proposta é a publicação dos textos no *Blog Linguagem da Mídia*.

O projeto começa no capítulo 1 com a criação do blog e desenvolve-se até o capítulo 4 com as publicações dos textos sugeridos ao longo dos capítulos. Além disso, o livro deixa a possibilidade dos alunos produzirem outros gêneros (que não foram trabalhados nesses quatro capítulos) para publicação, bem como a divulgação do blog para a comunidade interna e externa da escola.

Essa circulação das produções textuais dos alunos propicia uma escrita real, com objetivo e função social, promovendo o letramento escolar, que aponta para uma “reorganização do ensino de língua materna a partir de uma perspectiva sócio-histórica e cultural que leva em consideração as práticas sociais de leitura e escrita nos mais diversos espaços de circulação” (BUNZEN, 2010, p.116).

Podemos dizer que o trabalho com o artigo de divulgação científica nesse volume do 9º ano da coleção *Português uma língua brasileira*, cumpre uma função social na prática escolar, pois as características do gênero ou tipo em estudo são explicitadas, incentivando a percepção dos alunos sobre os recursos escolhidos para a elaboração desse gênero.

Segundo a análise do PNLD-2014, as atividades de leitura dessa coleção

[...] possibilitam o desenvolvimento da capacidade de compreensão do aluno, embora predomine o foco nas características de gênero sobre as atividades de localização de informações e questões avaliativas. Com menor ênfase, há algumas atividades que exploram estratégias cognitivas, tais como a ativação de conhecimentos prévios, formulação e verificação de hipóteses, estabelecimento de relações e produção de inferências. (BRASIL, 2013, p. 95)

O livro didático *português uma língua brasileira* também se preocupa em interligar e relacionar os capítulos. Esse, inclusive, é um dos pontos fortes da coleção. Segundo o PNLD-2014, trata-se de uma “coletânea diversificada, propiciando articulação entre os gêneros textuais propostos para leitura, produção de textos orais e escritos.” (BRASIL, 2013, p. 96)

Destaca-se, por exemplo, que nos capítulos anteriores os alunos entraram em contato com diversos gêneros que circulam em jornais e outras mídias para tratarem de assuntos das mais diversas áreas, e que no capítulo atual, de divulgação científica, eles conheceriam gêneros de linguagem acessível sobre questões do mundo da ciência e que podem, também, circular em jornais, revistas e outras mídias.

O volume do 9º ano da coleção *Português uma língua brasileira*, como evidenciamos, apresenta uma abordagem social do gênero, de forma a não limitar a leitura dos textos e a realização das atividades como fim avaliativo. A articulação dos conhecimentos linguísticos é reduzida, conforme mostra o quadro esquemático da própria avaliação do PNLD-2014 (figura 4).

A falta de articulação entre os conhecimentos linguísticos e os demais eixos da língua é um ponto fraco em todos os volumes da coleção, porém notamos e pudemos constatar essa evidência no volume do 9º ano através da análise que realizamos.

Figura 4: Quadro esquemático de pontos fortes e fracos da coleção *Português uma língua brasileira*

QUADRO ESQUEMÁTICO	
Pontos fortes	Coletânea diversificada, propiciando articulação entre os gêneros textuais propostos para leitura, produção de textos orais e escritos.
Pontos fracos	Fraca articulação entre os conhecimentos linguísticos e os demais eixos da língua, com pouco estímulo à reflexão.

Fonte: (BRASIL, 2013, p. 96)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos no papel fundamental do professor, no trabalho com a leitura, de buscar a paridade de atividades que propõem a localização de informações com outras que analisam estratégias cognitivas, como a elaboração de inferências, verificação de conhecimentos prévios, formação e constatação de hipótese e definição de relações.

Em relação a análise que apresentamos, destaca-se também a importância de estabelecer maior articulação dos conteúdos gramaticais e seu funcionamento nos diversos gêneros discursivos apresentados na coleção, pois, como vimos, trata-se de um ponto pouco explorado nas atividades com textos de divulgação científica nesse volume do 9º ano de *Português uma língua brasileira*.

Experenciamos um período de constantes transformações sociais motivadas pelo crescimento tecnológico e, portanto, tem ocorrido modificações em muitas práticas do cotidiano. Por exemplo, ao entrar em contato com um texto de divulgação científica no livro didático, o aluno precisa ler tópicos, dados estatísticos, gráficos, infográficos, entre outras características que esse gênero apresenta e que já mencionamos anteriormente. Estas implicações também reconfiguram a forma de utilização das linguagens, originando-se em textos de linguagens variadas: palavras, cores, gestos, entre outros que contribuem para a elaboração do seu sentido.

Sendo assim, constantemente, precisamos refletir sobre um ensino de Língua Portuguesa que preocupa-se com a realidade prática de vivências dos alunos, visando o trabalho de língua(gem) presente nas mais diversas situações de comunicação em que circulam os gêneros do discurso.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. **Guia de livros didáticos : PNLD 2014 : língua portuguesa: ensino fundamental: anos finais**. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília: MEC, 1998.
- BUNZEN, Clecio. Os Significados do Letramento Escolar como uma Prática Sociocultural. In: VÓVIO, Cláudia L.; SITO, Luanda; GRANDE, Paula B. (Org.). **Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisa em linguística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. P. 99-120.
- BUNZEN, Clecio. **Livro didático de Língua Portuguesa: um gênero do discurso**. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- BUNZEN, Clecio. & Roxanne. ROJO. Livro didático de língua portuguesa como gênero do discurso: autoria e estilo, In: COSTA VAL, M. G., MARCUSCHI, V. B. (orgs.). **Livros didáticos de língua portuguesa:**

- Letramento, inclusão e cidadania.** Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005, p.73-117.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim. **Gêneros Orais e Escritos na Escola.** Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- FERRAREZI, Jr., Celso; CARVALHO, Robson. **De alunos a leitores:** o ensino de leitura na educação básica. 1.ed – São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- KLEIMAN, Angela. **Leitura: Ensino e pesquisa.** Campinas SP: Pontes, 2ª Ed. 2001.
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ROJO, Roxane. Letramento escolar e os textos da divulgação científica: a apropriação dos gêneros de discurso na escola. **Linguagem em (Dis)curso (Impresso)**, v. 8, p. 1-25, 2008.
- ROMANOWSKI, J. P.; MARTINS, P. L. O.; JUNQUEIRA, S. R. A. (Org.). **Conhecimento local e conhecimento universal:** diversidade, mídias e tecnologias na educação. Curitiba: Champagnat, 2004.
- VIEIRA, Maria das Graças.; FIGUEIREDO, Regina.; MENNA, Lígia. **Português uma língua brasileira.** – 1ª ed. – São Paulo: Leya, 2012.